

NOVAS MÍDIAS: O TEXTO JORNALÍSTICO EM SALA DE AULA

Cristina Imaculada Santana de Oliveira

Graduação em Letras - UFC

tinah49@uol.com.br

RESUMO

A geração de estudantes que encontramos nas salas de aula nos dias de hoje, expressam-se de maneira bastante diferente do que há uma década. Com um alcance cada vez maior das novas tecnologias de comunicação, estes adolescentes necessitam de estímulos mais atraentes para o ensino escolar. Mas como integrar esse novo olhar imagético e midiático do adolescente ao conhecimento escolar? Como a escola deve se comportar de forma ativa e construtiva para garantir o acesso a estas novas mídias? Este trabalho procura lançar algumas questões para a discussão da formação de docentes diante deste novo cenário.

Palavras-Chave: mídia, jornal eletrônico, docente

ABSTRACT

NEW MEDIAS: THE JOURNALISTIC TEXT IN THE CLASSROOM

The generation of students who met in classrooms today, express themselves quite differently than a decade ago. With an increasing range of new communication technologies, these teens need incentives more attractive to school. But how to integrate this new imagery and media look at adolescent on the school knowledge? How the school should behave actively and constructively to ensure access to these new medias? This paper attempts to shed some issues for discussion of teacher training before this new scenario.

Keywords: media, electronic journal, professor

Considerações Iniciais

Este artigo tem como objetivo pesquisar, analisar e demonstrar que os meios de comunicação instantâneos (*jornal eletrônico, internet, blogs, msn, orkut, etc.*), presentes no cotidiano dos alunos do ensino fundamental e médio, precisam ser dominados pelos professores. Principalmente os mais jovens (em fase de estágio ou recém-formados), dada a forte expressão de atualidade que tais ferramentas representam.

Este entendimento extrapola o conhecimento técnico, pois cada meio de comunicação tem suas particularidades e sua linguagem. Seguindo uma linha teórica norteadada pela Lingüística Textual, escolhemos como corpus deste artigo o texto jornalístico sob dois focos de análise: a primeira, a partir do artigo *Jornal em sala de aula: uma possibilidade de inovação*; e a segunda com a análise de *uma reportagem no Diário do Nordeste* sobre a escolha da cidade do Rio de Janeiro para as Olimpíadas de 2016.

Comparando estas duas abordagens, pretendemos argumentar que de nada adianta a chegada destes meios de comunicação às salas de aula, sem a devida capacitação técnica dos professores para manuseá-las pedagogicamente. Capacitação essa que, acima de tudo, leve ao entendimento das outras linguagens implícitas nesse material. Sem isso, a escola continuará à margem da garantia de uma formação mais qualitativa do aluno.

Mídias & Escolas

Vivemos em uma sociedade da informação. Temos acesso a muitos dados que proporcionam informações rápidas, diversificadas e instantâneas. Informações, em sua maioria, mais interessantes que a “fala” de um professor ou a “leitura” de um livro. Ambas colocadas entre aspas na medida em que tais processos também são absorvidos muito superficialmente.

Cada informação está organizada em função de uma lógica, de um código e /ou de uma linguagem determinada. Conhecer significa integrar a informação aos nossos referenciais, aos nossos paradigmas, a fim de apropriar seu conteúdo de forma significativa e operatória. O conhecimento, nesse sentido, não se passa; o conhecimento constrói-se. (MORAN, 2000.p.54)

Em sala de aula, o uso dos meios de comunicação já não é novidade. Laboratórios de informática se espalham pelas escolas do país, inclusive financiados pelo próprio Governo Federal. Mas Fusari (1996) ressalta que os meios de comunicação não podem ser reduzidos à função de “recursos”. Nem mesmo eles podem ser tomados (contrária e exageradamente), como os únicos responsáveis pela “salvação” e transformação prazerosa da educação escolar, do modelo que temos para aquele que “necessitamos e queremos”.

No enfrentamento desse modelo, como o professor – cujo estranhamento a estas ferramentas ainda é grande – pode transmitir aos seus alunos uma visão enriquecedora e crítica do conhecimento? Pimenta (2002) nos chama a atenção para a necessidade de distinguir epistemologicamente dois termos: *informação* e *conhecimento*, para ampliar a consistência interpretativa do problema. Uma vez que, o primeiro termo se transforma no segundo, torna-se imperativa a ação educativa do sujeito, pois:

Conhecer significa trabalhar as informações. Ou seja, analisar, organizar, identificar suas fontes, estabelecer as diferenças destas na produção da informação, contextualizar, relacionar as informações e organização da sociedade. (PIMENTA, 2002, p.100)

Ao assistirmos um jornal pela TV ou acessar a internet na busca de uma sala de bate-papo, encontraremos um grande número de imagens; um espaço relativamente reduzido para a apreensão do que chamamos convencionalmente de “texto”. A necessidade de se ter mensagens rápidas acaba por forçar o empobrecimento da leitura e da escrita. E, conseqüentemente, diminuir a qualidade da argumentação. Não há espaços para se contextualizar e analisar as informações. A instantaneidade tem um valor maior, geralmente mais voltado à fixação de imagens do que ao desenvolvimento de idéias.

Para que a escola acompanhe este movimento de forma ativa e construtiva, é necessário, por um lado, que se tenha uma proposta de educação capaz de diversificar a experiência de acesso aos veículos de mídia. De outro, garantam a presença de educadores na capacitação geral da sociedade para o manuseio das novas tecnologias; não apenas com pacotes específicos de treinamento; mas em um sistema de acompanhamento permanente das inovações. A grande maioria dos docentes da área de comunicação e linguagens permanece ignorando o percurso empresarial da produção do noticiário de jornais ou a estrutura de funcionamento de um provedor de internet. Algo preocupante se defronta com tal lacuna.

A formação do docente para a sala de aula contemporânea há que enfrentar este novo cenário com criatividade e capacidade de fazer uma ressignificação dos processos de comunicação. O perfil resultante de tal enfrentamento, ciente das demandas entre escola e sociedade, constitui um elo na criação de novas ferramentas de pesquisa, ampliando os horizontes de entendimento e compreensão do contexto.

Não pretendemos aqui, que o profissional de educação torne-se um comunicólogo, jornalista ou técnico da informação. Mas defendemos que haja uma interação técnico-pedagógica, na formação deste professor, com os centros de veiculação de mídia; possibilitando-lhes o entendimento dos recursos, seus processos organizativos, bem como a leitura crítica destas novas tecnologias. Cada instrumento técnico de comunicação sofre influência do seu meio: das pessoas que o produzem, das organizações as quais estão ligadas, do momento histórico. Enfim, a configuração cultural do contexto em que estamos inseridos forma o “meio” complexo ao qual atribuímos essa capacidade de influenciar.

Compreender o funcionamento e sua potencialidade de interação com tais meios pode transformar sim o que chamamos de instrumentos de mídia em instrumental pedagógico, aliado no poder minimizar o abismo entre escola e o “mundo lá fora”. O texto jornalístico, por exemplo, pode assim ser reapresentado na condição de instrumental pedagógico.

Texto Jornalístico e Lingüística Textual

O texto jornalístico possui características especiais dentro de critérios de textualidade. Ele deve ter a capacidade de informar em larga escala e rapidamente, o que lhe dá uma estrutura diferente da linguagem narrativa, mas o aproxima das novas linguagens cotidianas de nossos jovens. A velocidade das informações nos dá uma impressão natural de que todas as pessoas têm acesso aos acontecimentos do mundo em tempo “real”. Sentimos-nos mais próximos de situações jamais vividas e nos identificamos a elas.

Assim, acompanhar as notícias de um terremoto, um casamento de uma modelo, um acidente aéreo, torna-se fator de inserção e aceitabilidade em determinado grupo. Na literatura atual há uma grande preocupação com o horizonte de expectativas de cada leitor. O texto jornalístico também carrega uma expectativa, dentro de um texto há vários outros a ser desvendados.

A lingüística textual desenvolveu-se na década de 60 na Europa, principalmente, com os alemães. Ela surge como um ramo da Lingüística e seu objeto principal de investigação é o texto. Escolhemos a lingüística textual para a parte analítica de nosso artigo porque ela se apresenta em diversas manifestações.

Podemos buscar na semântica, que foca na significação; na pragmática que vincula texto e contexto; na sintaxe encarregada de expressar a significação do texto e o que está à sua volta ou mesmo na fonética que trabalha com sinais fonéticos da configuração textual; as motivações para transformar o texto jornalístico em instrumento de trabalho rico em interpretações na sala de aula. Mas para que isto se concretize, é necessário um *navegador*; alguém que possa enxergar no interior de um discurso, vários outros implícitos a serem extraídos e utilizados em alguma direção. Os textos são sistemas complexos que podem preencher diversas funções comunicativas. A pedagógica tende a ser uma delas.

O discurso Jornalístico Eletrônico: um Veículo, duas Análises.

Para demonstrarmos que o texto jornalístico eletrônico pode ser instrumento enriquecedor de conhecimento em sala de aula, e não simplesmente um meio transmissor de informações, esse artigo trabalhará com duas situações distintas: a primeira será exemplificada com o estudo realizado por Rebeca Maria Paroli, na PUC-Campinas (SP). Através de oficinas de uso do jornal impresso em sala de aula, com a participação de aproximadamente 200 professores do ensino fundamental, ela analisa a familiaridade dos

professores com o jornal e como eles poderiam reproduzir esse comportamento em sala de aula.

Foi organizada, para este encontro, uma apostila para cada um dos participantes com uma série de conceitos jornalísticos como editorial, manchete, charge, reportagens policiais, entre outras. Organizados em grupos, os professores discutiram as maneiras de apresentar este veículo aos seus alunos. Como resultado, previsível, a maioria se fixou no conteúdo do jornal. A apostila foi desconsiderada como fonte de consulta. Poucos avançaram nas possibilidades de trabalho com temas transversais, por exemplo. De modo geral, o jornal foi visto como “apoio” ao livro didático, um complemento ao conteúdo. Foi utilizado tão somente de forma restrita.

O uso, na verdade, continua sendo o de recortar e ler cada matéria já com outras definições consolidadas pelos conceitos retirados dos livros ou da fala do professor. Este estudo está mais bem detalhado na apresentação de Paroli (2005), intitulado *Jornal na sala de aula: uma possibilidade de inovação*.

A segunda abordagem se dá com uma análise pessoal de matéria retirada do jornal o *Diário do Nordeste (versão eletrônica)*, e as suas múltiplas possibilidades de análises interdisciplinares. Escolhemos a edição de 03 de outubro de 2009. A matéria de capa trata da escolha da cidade do Rio de Janeiro para sede das Olimpíadas de 2016. O jornal, porém, dedicou um extenso espaço às “repercussões da notícia”.

Por trás de cada uma destas partes, há um universo de conhecimento a ser trabalhado pelo professor. Se for possível a elaboração de projetos interdisciplinares com a participação dos docentes, o resultado final será ainda melhor.

Abaixo reproduzimos a notícia publicada na edição de 03/10, posto o destaque gráfico dado à notícia, como matéria de capa do jornal *Diário do Nordeste* (Fig. 1). Outros cadernos da edição também veicularam matérias relevantes ao evento. Deu-se ênfase a entrevistas com esportistas, aos recursos a serem aplicados na cidade do Rio de Janeiro, aos principais problemas a serem superados e a importância para a América Latina como um continente. Selecionamos o destaque maior da edição para corpus desse artigo.

Diário do Nordeste, 3 de outubro de 2009.

Rio supera o primeiro mundo

Festa Brasileira

Nem Chicago, Tóquio e nem Madri, os Jogos Olímpicos de 2016 serão realizados, pela primeira vez, na América do Sul

Após malograr em temporadas passadas para organizar uma Olimpíada, o Rio de Janeiro foi anunciado ontem como sede dos Jogos-2016, os primeiros na história a serem organizados em um país sul-americano. A cidade brasileira venceu Madri, Tóquio e Chicago na eleição do COI (Comitê Olímpico Internacional) realizada ontem, em Copenhague, na Dinamarca.

Na primeira rodada de votação, Chicago, que era considerada favorita, foi eliminada. Na segunda, foi à vez de Tóquio sair da disputa. Na decisão, o Rio venceu Madrid. Sites especializados colocavam a capital fluminense como a principal favorita, com ligeira vantagem sobre Chicago. A cidade norte-americana, porém, era a favorita em casas de apostas, seguida pelo Rio.

Entre os quatro países com cidades candidatas, o Brasil era o único que ainda não havia recebido nenhuma Olimpíada. O caráter inédito da candidatura carioca foi bastante ressaltado na apresentação feita pelo Rio de Janeiro antes da votação. "Entre as dez maiores economias do mundo, somos os únicos que não sediaram a Olimpíada. Para os outros, será apenas mais uma Olimpíada, mas para nós será uma oportunidade sem igual. O desafio do COI é expandir os Jogos para novos lugares, de acender a pira olímpica em um país tropical", disse o presidente Lula. "Essa candidatura não é só nossa, mas é da América do Sul. Um continente que nunca sediou uma Olimpíada. Está na hora de corrigir isso", disse. A apresentação da candidatura brasileira contou ainda com discursos do ex-presidente da Fifa João Havelange, do comandante do COB e comitê da candidatura, Carlos Arthur Nuzman, do governador do Rio, Sérgio Cabral Filho, do prefeito da cidade, Eduardo Paes, do presidente do Banco Central, Henrique Meirelles, do secretário geral da candidatura, Carlos Roberto Osório, e da velejadora Isabel Swan, medalha de bronze nos Jogos Olímpicos de Pequim-2008. Um dos embaixadores da campanha carioca, Pelé não discursou. O maior jogador de futebol da história apenas acenou para os membros do COI.



Foto: Reuters

Análise da Matéria

A parte de maior destaque desta matéria, começa por uma chamada que remete à superação, que semanticamente quer dizer vencer, dominar, subjugar. Somos um país em desenvolvimento ou, como é hoje classificado, emergente, líder na América do Sul. Ao ressaltar a palavra *superação* em sua manchete, o texto jornalístico já impõe uma força ao discurso. É como um ato de coragem, de sofrimento, mas no fim de vitória. Para o aluno, é uma palavra de uso cotidiano; os meios de comunicação estão cheios de notícias que remetem a exemplos assim. Nesta linha, o texto continua enfatizando as tentativas perdidas anteriormente, como se tivéssemos que cumprir um rito de passagem, uma saga para se chegar a esta escolha.

Novamente um dado interessante de ser apontado, à medida que envolve a persistência, o ir atrás de seus sonhos porque eles podem ser realizados. São as expectativas presentes no discurso do adolescente. Esse sentimento é então expandido para todos os latinos americanos. Momento importante para a discussão sobre identidade social, as semelhanças e diferenças entre os povos latinos do continente. Mas até aqui o jornal impresso poderia ter sido utilizado.

Buscamos então, o diferencial que possibilitaria, com o texto eletrônico, abrir novos leques de aproveitamento. A partir da chamada de capa, a matéria apresenta novos *links*, ou seja, é possível navegar por notícias deste veículo e de outros em qualquer parte do mundo que tenha dado alguma cobertura ao evento. É realmente uma janela para expandir nossos conhecimentos.

Outro ponto de bastante interesse, em especial para a juventude que se prende ao conteúdo imagético, são os bancos de imagens que podem acessar eventos esportivos anteriores ou em andamento; de regras para cada esporte olímpico, de quadro de medalhas, etc. Cada leitor pode “degustar” as informações de acordo com seu horizonte particular de expectativas e descobrir outros.

O texto jornalístico permite também participações de leitores, através de opiniões e pesquisas, computando, imediatamente, as posições dos internautas. Os *blogs* e o *twitter* aproximam públicos com interesses iguais. Um dos projetos que poderia avançar dentro do ambiente escolar, é a criação destes meios de comunicação no espaço de ensino. O professor pode usar tais ferramentas de maneira regular e diversificada. Tanto para se manter a programação quanto para qualificar a comunicação com seus alunos. O *twitter* captura tudo que sai na rede, de acordo com um prévio filtro, determinado pelo usuário. O *orkut* ampliou

globalmente a função de relacionamento. Comunidades, no mundo, todo se renovam e se “conversam”, diária e sistematicamente.

O comparativo sobre a abordagem de cada veículo é também importante para que se defina linguagens, posicionamentos ideológicos, espaços ocupados dentro da publicação. Arquivos extensos podem ser utilizados como banco de dados e consultas.

Considerações Finais

Muitas questões foram levantadas neste artigo, entendemos que se faz necessário um maior aprofundamento dos estudos, num trabalho mais amplo, sobre a utilização destas novas e renovadas mídias, em seu possível direcionamento ao ensino escolar. Ainda é bastante pequeno o número de publicações que se especializam neste campo. O texto jornalístico eletrônico, vêm como as demais tecnologias modernas, ocupar um espaço importante em nossa sociedade. A escola é parte disso e não deve ficar à margem deste processo.

O professor, responsável direto pela condução do conhecimento, necessita entender, participar e desenvolver aulas dinâmicas e interessantes para os alunos que vivem um cotidiano (simples ou agitado) sempre além das salas de aula. É na formação dos docentes, nas Universidades e outros centros de educação, que se deve iniciar o caminho, buscando com outras áreas, interação e aprofundamento.

Mais do que manusear tecnicamente uma máquina, a escola deve garantir que essa capacitação se dê com efetividade; tanto no entendimento das linguagens comunicativas contemporâneas quanto no atendimento às necessidades comunicativas discentes.

Referências Bibliográficas

CUNHA, Celso.; CINTRA, Luis F.. *Nova gramática do português contemporâneo*, 3ª. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2007.

FAVERO, Leonor.Lopes ; KOCH, Ingedore.G.Villaça. - *Linguística Textual: uma introdução*, São Paulo: Ed. Cortez, 1983.

FUSARI, Maria.F.de Rezende. Mídias e formação de professores: em busca de caminhos de pesquisa vinculada à docência, in FAZENDA, I.C.A(ORG). *Novo enfoques da pesquisa educacional*, São Paulo: Ed. Cortez, 1996.

LAGE, Nilson. *A linguagem jornalística*, 3ª., São Paulo, Ed. Ática, 1990.

MORAN, José Manoel. *Novas tecnologias e mediação pedagógica*, 8^a., Campinas-SP, Papirus, 2000.

PAROLI, Rebeca Maria. *Jornal em sala de aula: uma possibilidade de inovação*. Anais do 15º Congresso Brasileiro de Leitura do Brasil, Campinas/SP, 2005.

PIMENTA, S.G; ANASTASIOU, L.das G.C. *Docência no Ensino Superior*. São Paulo: Cortez, 2002.

DIÁRIO DO NORDESTE. “*Rio supera o primeiro mundo*”, capa, edição de 03 de outubro de 2009.